



FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Pedagogia do Silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 119.

Resenhado por **Midiã Dilly Pereira da Silva**<sup>1</sup>

“Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna”, obra de Celso Ferrarezi Jr. é resultado da longa experiência do autor na formação de professores de língua materna e de sua experiência em salas de aula da Educação Básica. Publicado em 2014, pela editora Parábola e, considerado pelo estudioso um dos mais densos e importantes livros que já escreveu, visa dissertar acerca dos tipos de silenciamentos existentes nas escolas brasileiras.

Celso Ferrarezi Jr. é licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), mestre em Linguística (Semântica) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), doutor em Linguística (Semântica) pela UNIR e pós-doutor também com especialidade em Semântica, pela UNICAMP. Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL).

Na Introdução, “A história de um longo silêncio”, Ferrarezi faz várias críticas contra as escolas silenciosas. O mesmo trata o silêncio de forma abrangente, não somente o silêncio da boca, mas o silêncio do aluno que nunca aprendeu a escrever, ouvir e ler. Com isso, destaca as cicatrizes que esse silêncio deixou na vida desses discentes.

Segundo o autor, a taciturnidade tem sido vista como virtude. Porém, contrariando as palavras de Dostoiévski, ele acredita que o silêncio não é virtuoso e sim, vicioso. Para contextualizar suas ideias, ele descreve diversos tipos de mudez que não são belos como, por exemplo, o silêncio da morte. Em contrapartida, o estudioso afirma que há um silêncio bom, como aquele que permite que ouçamos outras vozes. Nesse ensaio, tangido por sua experiência, o autor disserta sobre o silêncio que mata. Um mutismo que abrange a escola, que não faz barulho em sua comunidade e também de uma educação que não faz barulho na nação. Para fomentar sua comparação entre vida e barulho, Ferrarezi cita a Bíblia e suas passagens, ressaltando que sem vida a terra era vazia e sem forma, o que provoca um

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Juiz de Fora.



tenebroso silêncio. Nesse sentido, o linguista trata o barulho como expressão da existência ao afirmar que o “silêncio é antinatural à vida” (p.15). Por tanto silenciar a boca, os ouvidos e a mente é um crime contra a vida.

A belíssima obra se divide em quatro seções, além da introdução e da conclusão nomeada “Por ora, chega...”. Na primeira seção, intitulada “O silêncio dos pecadores”, o autor traça um caminho que passa pela constituição de uma pedagogia do silêncio, pelos currículos silenciosos e pela prática do silêncio nas aulas de língua materna. Essa passagem nasce com a história das primeiras escolas, cerca de mil anos antes de Cristo, cujo objetivo era a conversão religiosa. Ele pontua o encetar do silêncio na escola ocidental, cuja origem remonta aos católicos romanos, fundadores dos mosteiros e da implantação do silêncio como virtude, situação que foi modificada com o Renascimento. Entretanto, o estudioso reitera que as construções iluminadoras dos renascentistas não chegaram à escola brasileira, e que o mutismo continua sendo a prática preponderante.

Mediante os currículos silenciosos, Celso Ferrarezi reafirma que são adotados nas instituições de ensino que julgam o silêncio e o ensino de regras como as principais orientações a serem seguidas. Para chegar a esse ponto de vista, ele apresenta a análise de currículos de língua portuguesa de algumas escolas dos anos iniciais. Sua pesquisa comprova que eles são exageradamente extensos para cada série e que o ensino de língua materna ainda é pautado pelo ensino da gramática normativa. Com isso, pondera a necessidade de revisão dos currículos, para mudar essa situação.

Sobre o silêncio, como aplicação nas aulas de língua materna, o que se discute é a prática da palavra irresponsável, da não utilização da inteligência e do “você não me interessa”. Nesse tópico, o autor é enfático ao afirmar que os alunos só têm a palavra para responder perguntas inúteis. Dessa forma, a escola silencia as consciências, não permitindo aos alunos pensarem, propiciando atividades mecânicas e repetitivas.

Em “Uma tentativa de mudança”, segunda seção, Ferrarezi ressalta os conceitos da história do antes, do agora e depois dos PCNs, com uma crítica baseada nos desleixos de certos educadores que faziam a mesma coisa por vinte e quatro anos sem mudar coisa alguma. Esse ainda revela que, após a criação da lei 9394/96, houve uma enorme mudança nesse cenário. Entretanto, houve insucesso em seus objetivos, pois esse excelente projeto foi “boicotado” pela falta de vontade da maioria dos profissionais da educação. Posteriormente, o



linguista retrata detalhadamente o decreto presidencial nº 6094 que diz respeito às metas a serem alcançadas pela educação no país. Ainda, pondera sobre o pronunciamento do ministro da educação que descreve os assuntos administrativos da evolução do Brasil. Sem deixar de lado a opinião do autor sobre a responsabilidade inserida nos educadores, o mesmo debruça-se na tese de que se colocar uma inchada na mão do professor e, dizer pra ele ensinar a ler e escrever, não vai funcionar, pois sem ferramentas adequadas não é possível lecionar.

Na seção seguinte, “As quatro habilidades básicas da comunicação na sala de aula”, o autor explicita acerca dessas habilidades e afirma veementemente que elas não funcionam isoladas uma das outras. Ele ainda articula a respeito da habilidade do ouvir, segundo o mesmo, essa é uma tarefa difícil de ser desenvolvida por ser complexa. Porém é eficaz, pois o ouvir não é apenas escutar, é entender, interpretar e dialogar. A competência da fala, segundo o literato, é uma das mais poderosas entre as artes humanas, com uma fala eficiente se tem uma ascensão eficiente. Ferrarezi frisa que a sociedade avalia os seres pela forma com que se fala: se este dialoga bem valerá bastante, se dialoga mal pouco valerá. O linguista faz uma séria crítica com relação ao tempo que os educadores têm para ensinar essas habilidades, que é muito pouco, “*salas superlotadas e ridículas 4 horas (pretendidas...) por dia de estudo. Assim não dá!*” (p.74).

Um paradigma importante que fica claro em suas expressões é que muitos docentes usam da ordem “silêncio” para calar os alunos e ter o domínio da classe, sendo que esse deveria ser um incentivo da fala responsável. Assim, com a fala ele explora bem o aspecto da leitura. O autor inicia fazendo uma crítica à escola que ao invés de começar a leitura incentivando o gosto por ela, acaba trazendo um enorme desgosto com leituras obrigatórias, as quais não estão ligadas ao cotidiano dessas crianças, ou seja, uma análise de um texto que foge à realidade delas. Posteriormente, o redator atribui a escrita como parte integrante das habilidades básicas que devem ser ensinadas em sala de aula. Mais uma vez, o mesmo ressalta sobre a falta de tempo que os docentes têm para ensinar tal tipo de matéria e que os professores da língua materna sofrem uma pressão por parte dos colegas que deixam a eles toda responsabilidade de ensinar a língua. De forma significativa, o linguista faz uma crítica sobre a separação do português materno com a redação, no qual normalmente os docentes que lecionam tais matérias são diferentes. Assim, um não sabe onde outro termina, sem relação



entre eles. Ainda, disserta sobre a escassa prática da escrita, ressaltando que sem a mesma não haverá a perfeição ou a ligação com a vida.

A última seção, denominada “A urgência da mudança”, enfatiza a necessidade da transformação na educação. Isso posto, de maneira grandiosa e exemplificadora, o pesquisador atesta que a maioria das “doenças” que assolam nosso país se deve à falta de uma educação autêntica para todos. Para o autor, existem várias cicatrizes do silêncio que estão presentes em diversas dimensões da comunicação. Por isso, Ferrarezi recolhe e expõe no livro, cópias de redações e cadernos escolares em instituições públicas e privadas, para comprovar que o ensino da língua materna está uma calamidade.

Com isso, o estudioso declara que o magistério no Brasil é visto como profissão de fracassados, que criamos um sistema escolar burocratizado e burro e, a sala de aula hoje é um ambiente torpe e entorpecedor. Entretanto, estabelece que é fundamental trazer o mundo para dentro da escola, ou seja, uma escola pensada à luz de uma pedagogia da comunicação, aberta para a vida e possibilitando um instrumento de mudança social.

Por fim, na conclusão “Por ora, chega...”, Celso Ferrarezi demonstra sua preocupação com os educadores brasileiros que, ao seu olhar, têm se tornado melindrosos e autodefensivos. Ademais, ratifica que no Brasil temos um problema educacional de país, ou seja, uma adversidade que precisa ser encarada urgentemente. Para isso, finalizando, o autor cita cinco passos cruciais que os docentes precisam trilhar durante sua vida profissional.

É notório que o tema da educação, especialmente em língua materna, no Brasil é impreterível. A questão da educação não é urgente só por causa de cada docente que desiste de seus ideais para trabalhar em outras funções que proporcionam maior salário e menos desgostos na vida; não é inadiável só por causa dos conflitos existentes nas escolas contemporâneas, que se refletem até na forma de assassinatos de professores por alunos que entram armados nas salas de aula; o conteúdo da educação é iminente por tudo isso junto, sim, mas também porque já comprometeu parte do desenvolvimento e das esperanças deste país, e vai comprometer rapidamente o restante caso não seja enfrentada sem mentiras e com muita ação real e eficaz. Apesar de, em alguns momentos, o autor ser panfletário, os temas tratados são relevantes para a formação e a reflexão de docentes sobre o trabalho pedagógico desenvolvido em salas de aula e que tem contribuído para a formação de uma juventude silenciosa.



Essa obra crítica traça alguns caminhos e é mais especificamente voltada para docentes da língua materna. Contudo, será muito útil também para os indivíduos que estão ingressando na carreira do magistério e que têm a chance de mudar os caminhos da educação neste país, uma vez que discute os motivos, as consequências e as possibilidades de mudança de uma pedagogia do silenciamento para uma pedagogia barulhenta e libertadora.